

estavam em questão estes porém não são comentados pois não teriam o mesmo grau de importância daqueles das mulheres.

Na perspectiva dos papéis sociais a atenção da autora volta-se para os comportamentos femininos para a melhor ou pior desempenho dos papéis atribuídos as mulheres. Elas aparecem como base da honra familiar. Mas as mulheres são colocadas nesse lugar mediante uma explicação quase circular que não mostra a operação da honra. Os jornais alertavam para os atos femininos isto sugere que o comportamento das mulheres precisava ser antes de tudo observado e delimitado porque elas eram as principais referências da honra familiar.

Em uma perspectiva de gênero a honra seria sem dúvida um elemento diferenciador/hierarquizador na disputa entre famílias. No entanto o foco está na não no comportamento mas na operação das hierarquias que tendo como referência o que é percebido como dife-

rença sexual conformam a honra como mecanismo de distinção. Haveria atributos associados as honras masculinas e femininas. Mas seria necessário compreender quais são esses atributos e como eles operam qualificando diferenciando hierarquizando incluindo e excluindo indivíduos famílias grupos político partidários etc. Isto exigiria uma perspectiva relacional no sentido de categorias em relação de diferenciação e hierarquização. O que estaria aqui em jogo seriam ações mas no plano das categorias. Compreender como operam esses atributos possibilitaria entender quais seriam aqueles englobantes quais os englobados em que instâncias e como o gênero operando na construção da honra participa de outras operações de diferenciação. É claro que esta perspectiva admitiria o recorte mulheres mas apenas como porta de entrada para a compreensão da operação do gênero.

ADRIANA PISCITELLI ■

## O espelho próprio dos travestis

### Damas de Paus O jogo aberto dos travestis no espelho da mulher

OLIVEIRA, Neuzi Maria de

Salvador CEB/UFBA 1994

Neuzi Maria de Oliveira traz para a cena dos estudos de gênero no país uma importante contribuição com *Dama de Paus*. Enfocando especialmente os processos de transformação no corpo e na alma realizados por homens que se travestem mostra como eles progressivamente afastam-se da imagem masculina e assumem a fisionomia a postura e o comportamento inspirados na figura da mulher. No entanto é um gênero peculiar esse que os travestis do Pelourinho Salvador Bahia estilizam. A contribuição de Neuzi é ainda mais relevante quando levanta o veu que encobre a figura do cliente os seus desejos e a sua interação com os travestis. A linha escolhida pela autora é ousada pois pretende analisar a relação deste determinado universo com a sociedade envolvente e nesse

sentido do mesmo tempo que seduz o leitor com insights importantes também incute em certas generalizações nem sempre pertinentes.

A autora apresenta três categorias para dar conta da metamorfose homem/mulher que embora manipulem a imagem de mulher conservam suas diferenças e se reconhecem como identidades distintas. As categorias são os transformistas que cultivam o encanto do dia-fora-de-dia são homens e de-noite-mulheres. Não recorrem a castração não tomam hormônios e não usam silicone. São homens que em determinados momentos representam mulheres. Já os travestis são aqueles que diferentes dos transformistas ampliam os limites da alteração corporal. Frequentemente recorrem aos hormônios e ao silicone. Os seus corpos aproximam-se da forma anatómica da mulher. Os transexuais se consideram mulher na pele de homem e buscam intensamente a identidade absoluta com a mulher. A auto-mutilação da genitália é um desejo recorrente mas sobretudo o imaginário feminino que perseguem é o da mulher pacata e submissa.

Formam um contínuo e se diferenciam no sentido em que se afastam dos atributos do sexo masculino e consequentemente aproximam

se do feminino. Um e homem de dia e mulher de noite, o seu corpo é reversível, o segundo não pode mais ser definido como homem pois o seu corpo conta com atributos femininos e o terceiro castrado, foge da ambiguidade e aproxima-se definitivamente do gênero feminino. Estas são hierarquizadas segundo a proximidade que conseguem estabelecer com o gênero feminino. Mas, de outro prisma, impera também outra hierarquia que se apoia fortemente na ambiguidade e na manutenção dos atributos valorizados dos dois gêneros. Segundo a escala de valores dos travestis, eles estão no topo pois reúnem atributos femininos valorizados e resguardam um atributo definidor da identidade masculina, o pênis.

O livro se abre com uma instigante visão histórica da prostituição de travestis. Propõe que o incremento da atividade observado na década de 80 é um fenômeno associado à moda *unisex*, às *drag queens*, a performances de personagens do *rock and roll* e do universo cinematográfico. Enquadra-se em um clima mais geral de androginização da cultura ocidental. Desta maneira, contextualiza-se os travestis inserindo-os num campo não necessariamente marcado pelo estigma. O mesmo movimento de relativização está presente na análise da inversão de gênero presente em diferentes épocas e culturas.

O título do livro é um achado. *Dama de Pauls*, uma figura do barulho que sinaliza para a ambiguidade do universo estudado. Porém, se a característica mais marcante dos travestis é justamente ter cara inspirada na aparência de mulher e órgão sexual de homem, ou seja, aparentar ser mulher em cama e homem em bar, torna-se uma incongruência a composição da capa. Como os travestis, a figura da capa deveria estar invertida.

A complementação do título, O jogo aberto dos travestis no espelho da mulher, traz em si uma tensão que permeia toda a análise, mas talvez isto ocorra justamente por exprimir a ambiguidade atribuída à própria categoria em análise. Em diferentes momentos, o livro sugere que o travesti não se traveste propriamente de mulher, nem pretende fazê-lo (introdução de Cecília Sardenberg, p. 14) ou é a personificação onírica da mulher que não existe (Oliveira, p. 37). Ele se espelha num estereótipo de mulher numa fabricação do feminino que só existe enquanto uma fabricação. A identificação plena com a mulher fica a cargo dos transexuais, que se submetem à castração para se aproximar o máximo possível da figura feminina. Ora, a mulher idealizada pelos traves-

tis não encontra respaldo em certa figura feminina submissa e recatada. Qual é o espelho em jogo? Bem sei que a ideia de espelho traz em si a ideia de distorção, mas se for analisado o processo de construção dos travestis, ver-se-á claramente que ele se dá apenas entre travestis, que o modelo a ser seguido é um travesti já feito. O resultado final não são mulheres e sim homens com corpo, andar e postura de travesti e que apresentam órgão sexual masculino.

Como propõe a autora, eles "querem ser mulheres com algo mais, com algo que falta às mulheres. Querem ser mulheres fáblicas" (p. 46). Creio que para entender este universo é pouco esclarecedor se ater exclusivamente à dicotomia que se baseia na construção de gênero, homem/mulher. Quando se está em dúvida sobre o sexo de um travesti e ocorre a pergunta se é homem ou mulher, a resposta é clara: nenhum dos dois, é um travesti. Na sociedade brasileira, os travestis integram uma terceira categoria e por isso mesmo eles espelham-se, miram-se neles mesmos. É verdade que este debate sobre a necessidade dualismo ou não das categorias de gênero é um tópico em aberto. A reflexão, sobretudo a antropológica, tem enfrentado esta questão: se as categorias do pensamento que se debruçam sobre a diferença anatómica dos sexos podem desligar-se ou não do constrangimento do dimorfismo sexual da espécie humana.<sup>1</sup>

Num plano de análise, as reflexões que se apoiam na dicotomia dos gêneros e pertencem já que são homens que alteram o corpo e o comportamento, aproximando-se da mulher. Esta é uma classificação primeira que engloba todas as outras. Porém, num outro nível, é necessária fugir desta dicotomia pois os travestis, ao aproximarem-se da figura feminina, criam uma terceira categoria socialmente identificável. Nesse sentido, a ideia de que eles realizam um ritual de transformação no espelho feminino (p. 75) obscurece em parte a complexidade da questão. Há um espelho próprio dos travestis. A referência não são as mulheres e sim os próprios travestis. O aprendizado se dá entre eles, através dos conhecimentos exigidos para efetuação da transformação, desde os detalhes como hormônios e silicone à construção do pênis.

A própria maneira como se dá a prática prostitutiva, na qual o travesti não desempe-

1 HEILBORN, Maria Luiza. Gênero e Hierarquia: a castela de Adão revisitada. *Revista Estudos Feministas*, v. 1, n. 1, CEC/ECO/UFRJ, p. 50-82, 1993.

na necessariamente o papel de passivo afasta o do gênero feminino. Assim, a recusa da emasculação e o próprio comportamento sexual classificado como masculino na atividade de penetradores distanciam nos do papel feminino. A castração que os transforma em transexuais poderia aproxima-los ainda mais da figura mulher, contudo, eles mantêm o pênis, gestando-se a figura ambígua que é por si só, se um travesti. Se o travesti aproxima-se de fato de alguma mulher, parece ser da prostituta, justamente por que está diferente das outras mulheres: controla a sua própria sexualidade e, portanto, em certo sentido, aproxima-se do comportamento sexual masculino?

Como a interpolação entre os dois planos de análise não foi tratada exaustivamente, o texto apresenta-se ambíguo, pois a cada momento um deles prevalece. Ora os travestis se inspiram na figura feminina, ora não o fazem. Mas Neuza de Oliveira, ao mesmo tempo que permite certa confusão entre estes dois planos, apresenta toda a complexidade do tema. Segundo a própria autora, os travestis com sua fantasia rebelde, subvertem uma ordem culturalmente inspirada na diferença anatômica entre os dois sexos que aprisionam os sujeitos em dois grandes reinos: o masculino e o feminino (p. 38). Muitos travestis, longe de desejar se transformar definitivamente em uma mulher, desejam antes de tudo conservar sua ambiguidade ou seja, permanecer na margem (p. 71).

O outro eixo fundamental da interpretação de *Damas de Paus* é a abordagem da prostituição como negócio do sexo. A autora opta pelo ângulo do mercado e do trabalho para afastar-se da construção ideológica que concebe (a prostituição) apenas sob o ponto de vista do corpo que se vende (p. 20). Nesse sentido, a ideia é interessante pois pressupõe a noção de troca que envolve todos os parceiros. Porém, este aspecto não é exclusivo da atividade prostituinte. O casamento com o respectivo cônjuge, como bem ressalta a autora (p. 82), pode ser visto sob o mesmo prisma. A prostituição pode ser entendida como relação especial de troca que envolve bens com valores simbólicos distintos. Troca-se o corpo, algo considerado pessoal, íntimo, único, por dinheiro, o bem impessoal por excelência. Nessa linha de raciocínio, considera a prostituição como uma troca mercantil e o travesti como força de

trabalho social, aderindo a linha contemporânea de reivindicação da categoria como trabalhadoras do sexo. Essa opção se radicaliza, acaba por deslocar dimensões desta atividade que não se esgotam na esfera do trabalho ou do mercado, mas felizmente esta linha de pensamento não perpassa todo o trabalho de Neuza de Oliveira.

Considera, desta forma, o corpo do travesti como a ferramenta do negócio do amor (p. 90) e propõe que ele exerce a sua atividade com a mesma competência que qualquer outro trabalho (p. 85). Os travestis não parecem ter dúvidas de que sua atividade é um trabalho e em seus departamentos deixam transparecer que eles não estão negociando amor e sim sexo: a figura da troca amorosa não faz parte do negócio (p. 121). Esta ótica leva a perceber o programa como um acordo previamente estabelecido, no qual não existe a desordem onírica das fantasmas devassas, ele está submetido a mesma ordem que o trabalho no processo produtivo legítimo, obedece as mesmas pancadas de repetição e monotonia (p. 121). Cabe perguntar se estes acordos envolvem os diferentes tipos de violência que geralmente são praticadas contra os travestis, mas além do sexo não é um domínio que traz em si a possibilidade, mesmo que remota, da desordem?

Uma nota estranha no livro é a ausência de qualquer reflexão sobre as informações obtidas a partir de entrevistas. Refiro-me especialmente a veracidade de algumas informações sobre vários aspectos da atividade prostituinte. Embora possa considerar que mentir não é um atributo exclusivo dos atores sociais que se dedicam à prostituição (como as garotas do programa que analisei), suspeito que uma série de contradições presentes na etnografia repousem neste hábito. Primeiro, apesar de várias referências fornecidas pelos entrevistados sobre os elevados ganhos obtidos com a prostituição, o seu cotidiano é marcado pela falta de dinheiro. Situação que fica evidente quando Neuza de Oliveira descreve as condições de moradia dos travestis do Poloinhinha. Talvez esteja já operando aí uma hipervalorização dos ganhos obtidos na prostituição para justificar a entrada e permanência nesta atividade. Os supostos pagamentos elevados lançam uma sombra em aspectos negativos da prostituição.

O segundo elemento que pode incorrer em manipulação da verdade reside no fato de os travestis frequentemente mencionarem ser um desejo recorrente dos clientes serem penetrados (p. 18). Não quer dizer que tal desenlace do programa não ocorra, mas muito provável

<sup>2</sup> GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

mente ele é muito menos frequente do que os travestis pretendem que se acredite. Muito embora este seja um programa que resulte em uma das maiores remunerações, percebe-se que a ereção não deve ser regularmente conseguida devido ao processo de feminização apoiado na ingestão de hormônios. Neuzi de Oliveira é textual a consequência mas drástica dessa prática é a redução da capacidade de ereção em decorrência da desordenação do metabolismo orgânico (p. 73).

Na realidade, no encontro entre travesti e cliente embaralham-se os signos de masculino e feminino. Apesar de ser o travesti que modela o seu corpo e o seu comportamento segundo padrões femininos e o cliente que, com aparência masculina solicita a penetração, colocando-se assim numa posição feminina, considerando-se o modo como se articula a cultura sexual brasileira<sup>3</sup>. No terreno da ambiguidade as inversões se sucedem, o estigma ainda que temporário recai sobre o cliente e o travesti que ao modelar o seu corpo desenfatura sua virilidade e chamado a afirmá-la, porque é exatamente o que o cliente parece procurar.

O mundo dos travestis melhor se revela num episódio. O apreço pela ambiguidade e pela inversão fica evidente na história do casamento de uma mulher homossexual com um travesti e de cuja união nasce um filho (p. 76). Estamos aqui no domínio do mito. Menos que a pergunta sobre a veracidade da versão, o que cabe

assinalar é a estrutura narrativa que potencializa a ambiguidade e o sentido de margens que caracterizam o mundo dos travestis. Cesar Paiva, um amigo antropólogo já falecido há muito tempo, denominou-a de "inverso do reverso".

Neuzi escolhe a visibilidade de Roberto Close famoso transexual no cenonacional para ensaiar uma interpretação mais generalizante. Propõe que o sucesso de Close pode ser considerado como um indicador de que a sociedade brasileira teria optado pelo falso (travestis, produtos eletrônicos da Coreia, Taiwan e Hong Kong) (p. 51). Diante desta generalização um pouco apressada, cabe assinalar que falso e ambiguidade não são sinônimos. E que certamente há muito a se investigar sobre aquilo que constitui a cultura sexual e erótica brasileira que invade domínios aparentemente distantes de duas fronteiras iniciais<sup>4</sup>.

Para concluir, considero que a questão que, no momento, mais se destaca em qualquer reflexão sobre sexualidade e o papel das doenças sexualmente transmissíveis na constituição das fantasias e no exercício do prazer. É muito problemático que um trabalho sobre prostituição homossexual não faça uma única referência a Aids. Quase no final do livro (p. 126) o leitor descobre que o trabalho de campo foi feito (provavelmente) em 1983, porém nenhuma palavra lhe foi dirigida avisando o que o contexto é pré-Aids. Seria desejável que a apresentação de *Damas de Pau* trouxesse alguma referência à sexualidade na era do vírus HIV.

<sup>3</sup> PARKER Richard, *Corpos, Prazeres e Paixões: Cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1991.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

MARIA DULCE GASPAR ■

## A trama das mulheres

### Tecendo por Trás dos Panos: A mulher brasileira nas relações familiares

RÓCHA-COUTINHO, Maria Lucia

Rio de Janeiro: Rocco, 1994

Nos últimos dez anos assistimos ao surgimento de vários trabalhos e livros referentes à mulher oriunda dos estratos médios urbanos no Brasil.

O interesse por essas mulheres e famílias parece florescer entre os pesquisadores, assim como a mídia feminina abre cada vez mais espaço nos diferentes veículos de comunicação, buscando mapear e, ao mesmo tempo, influenciar os contornos da tão falada "mulher moderna e profissional".

*Tecendo por Trás dos Panos*, a mulher brasileira nas relações familiares, de Maria Lucia Rocha Coutinho, nasce no bojo da crescente demanda de informações sobre essas mulheres. O leitor mais atento provavelmente nota